

ENTREVISTA // MARINA SILVA

MARINA

instituída do vice presidente

Ministra não encara como derrota a liberação da safra de transgênicos e diz que a luta continua em 2005

HÉRCULES BARROS
DA EQUIPE DO CORREIO

Ela era seringueira quando começou a defender a preservação da Amazônia ao lado do ambientalista Chico Mendes, assassinado em 1988. Passados dezesseis anos da morte do companheiro de luta, a vida de Marina Silva deu uma grande reviravolta. "Antes, os contra-

ventores corriam atrás de mim e mataram meu grande amigo, Chico Mendes. Hoje eu corro atrás deles, colocando alguns na cadeia", diz a ministra do Meio Ambiente no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em vez de transformações radicais, a passagem de Marina pelo posto tem se caracterizado por decisões pragmáticas. E pela busca do equilíbrio. "Eu não estaria sendo coerente com o que

aprendi com Chico Mendes se tivesse vindo para cá para fazer pirotecnia", argumenta. É esse amadurecimento que a mantém no governo até agora, apesar dos avanços e recuos nas discussões sobre produtos transgênicos e desenvolvimento sustentável.

Acompanhada de assessores, Marina falou com exclusividade ao *Correio Braziliense* sobre transgênicos, combate ao desmatamento e outros

assuntos polêmicos para a pasta do Meio Ambiente. Para algumas respostas, recorreu ao presidente em exercício do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Luiz Fernando Krieger Merico, e ao subsecretário de Planejamento, Orçamento e Administração do ministério, Gerson Galvão, que estavam entre os presentes no encontro.

Além da vocação para a causa ambiental, Marina se mostra habituada à tripla jornada de mulher, mãe e profissional, desde os duros tempos do seringal — ela sobreviveu a cinco maldrias, três hepatites e uma leishmaniose. Hoje se divide entre os afazeres de casa com o marido e os quatro filhos e toma decisões políticas sem medo de contrariar setores influentes.

Sem jogo de cena

CORREIOBRAZILIENSE — Fazendo um paralelo da Marina seringueira e da Marina ministra, a senhora está desapontada com a trajetória?

MARINA SILVA — Mudou uma coisa. Antes, os contraventores corriam atrás de mim e mataram meu grande amigo, Chico Mendes. Hoje eu corro atrás deles, colocando alguns na cadeia.

CORREIO — A senhora se sente pressionada em relação às expectativas criadas para sua gestão como ministra?

MARINA — Eu sempre brinco que todo mundo defende o meio ambiente, desde que seja no ambiente dos outros. Então, é fácil para os que moram no Sul e Sudeste defenderem o meio ambiente da Amazônia. E nós, da Amazônia, dizemos que não se pode despejar resíduos no rio Tietê. Agora, quando se diz que defender o meio ambiente é não invadir a terra dos índios para retirar madeira, ou não derrubar floresta para fazer agricultura sem base sustentável, aí as pessoas começam a sair fora do consenso em relação ao meio ambiente. Eu não estaria sendo coerente com o que aprendi com Chico Mendes se tivesse vindo para cá para fazer pirotecnia.

CORREIO — O Senado aprovou a regularização do plantio e comercialização de soja transgênica. A agricultura venceu a questão?

MARINA — Foi aprovado o instrumento provisório para a safra que está em curso. A grande discussão que nós temos é do marco legal para o país em relação aos organismos geneticamente modificados. Esse debate vai continuar em 2005. O presidente Lula deu uma resposta à safra e isso foi resolvido por medida provisória (MP). Ao mesmo tempo sabe-se do déficit em relação à legislação que salvaguarda os interesses da pesquisa, dos consumidores e produtores. Não acho que um setor ganhe em detrimento de outros. Continuarei trabalhando por medidas estruturantes e definitivas.

CORREIO — Qual seria o caminho em relação aos transgênicos?

MARINA — É não continuar operando por MP. É preciso um marco legal, aprovado no Congresso. Temos criado, dentro do Ibama, uma estrutura de licenciamento para os organismos geneticamente modificados, algo que não existia até o início da nossa gestão, é um processo estruturante. Há oito anos discute-se a questão sem que haja sequer uma estrutura para fazer licenciamento.

CORREIO — Então a senhora não se sente derrotada em relação aos transgênicos?

MARINA — Acho que seria muito simplista para um gestor ficar colocando os fatos em termos de derrotas e

vitórias. Temos que considerar as conquistas que o país acumulou em relação à legislação ambiental e trabalhar para que elas não venham a retroceder. Nesse aspecto, tenho certeza de que, em dois anos, colhemos frutos produtivos em vários aspectos.

CORREIO — É comum atribuir à legislação ambiental o atraso na liberação de empreendimentos. Os licenciamentos ambientais são um entrave?

MARINA — A legislação ambiental brasileira é uma conquista da sociedade. O Brasil é uma potência em recursos naturais. Não podemos sacrificar os recursos de milhares de anos pelo lucro de apenas alguns anos. A média de licenças ambientais dos governos anteriores aos nossos era de 150 por ano para a agenda de petróleo, gás, estrada, hidrelétrica e outros setores. No primeiro ano, nós conseguimos dar 145 licenças. Estamos fechando 2004 com 218.

CORREIO — Se tem essa eficiência, por que há reclamações?

MARINA — Criou-se um verdadeiro fantasma da expectativa do não-ambiental. As licenças que você fala foram herdadas de 2002. Quando nós chegamos havia 45 usinas com problemas ambientais. A hidrelétrica de Corumbá IV é um desses casos. Não era razoável dar uma licença para que, durante onze meses, a água fosse represada, sem tratamento de esgoto, e abastecesse o Entorno de Brasília. Não se diz por que a licença está sendo discutida.

CORREIO — Com relação à biopirataria, falta uma previsão legal específica nas leis criminais ambientais?

MARINA — Sou autora da primeira iniciativa no país sobre acesso aos recursos genéticos e biológico no Brasil. A lei tramita no Congresso há 12 anos. O que existe hoje é uma medida provisória feita no governo anterior. Uma MP só pode estabelecer sanções administrativas. Não estabelece sanção penal. Quando se tem uma lei "sem dentes", a tendência é não ter a eficácia do combate à contravenção. O combate à biopirataria não é fácil. É impossível colocar um policial federal, um fiscal do Ibama ao lado de cada árvore, fungo, bactéria, inseto que podem ser, de forma inadequada, utilizados.

CORREIO — E as outras regiões?

MARINA — Estamos iniciando pelo lado mais complexo que é ter um programa de agricultura sustentável para a Amazônia. A bacia do São Francisco tem um grave problema por causa do esgoto das cidades ao longo do rio. O programa de revitalização contará, em 2005, com R\$ 100 milhões para as ações no que concerne à criação de unidade de conservação e recuperação de nascentes. Outras atividades típicas do

Meio Ambiente terão o aporte de recursos na ordem de R\$ 400 milhões para a despoluição dos rios que contaminam o São Francisco.

CORREIO — O que é mais preocupante hoje na preservação das comunidades das florestas?

MARINA — Primeiro, as comunidades tradicionais, particularmente os índios, são aliadas incontestáveis na preservação do meio ambiente, dos recursos naturais e dos serviços ambientais. Essas comunidades já prestam serviço ao Estado quando cuidam dessas áreas e fazem as denúncias. Faz 16 anos que Chico Mendes foi assassinado. Na época nem se falava em desenvolvimento sustentável da Amazônia.

CORREIO — O Ibama vai ser fracionado com a criação do Serviço de Floresta Brasileiro?

MARINA — Do ponto de vista da direção do Meio Ambiente, o Ibama é uma autarquia vinculada ao ministério. A orientação é que sejamos capazes de dar uma resposta à exploração irregular de madeira.

CORREIO — O que não se conseguiu fazer em 2004 em termos da execução orçamentária?

MARINA — Comparativamente ao que nós estamos projetando para 2005, temos um incremento real de quase 50% em relação a 2003. Em 2004, o orçamento foi disponibilizado integralmente. O único contingenciamento foram as emendas parlamentares, o que significa 15%.

CORREIO — Então vai haver recursos para todos os planos no ano que vem?

MARINA — É claro que um país com mais de oito milhões de quilômetros quadrados, 11% da água doce do planeta, 22% das espécies vivas do mundo vai sempre precisar de recursos para gerenciar esses ativos ambientais tão relevantes, mas nós estamos avançando na nossa agenda.



ANTES, OS CONTRAVENTORES CORRIAM ATRÁS DE MIM E MATARAM MEU GRANDE AMIGO, CHICO MENDES. HOJE EU CORRO ATRÁS DELES, COLOCANDO ALGUNS NA CADEIA